

ENTREVISTA

FRANKLIN MAXADO ENTREVISTA

O POETA POPULAR JOÃO FERREIRA DA SILVA*

É POETA POR CAUSA DO PADRE CÍCERO

Ele viveu mais de 50 anos como poeta profissional de Literatura de Cordel e só aos 85 anos de idade, recebeu homenagem de uma universidade pelo seu trabalho: a UEFS promoveu a exposição de dezenas dos seus folhetos publicados, de julho a agosto de 1992, a qual foi inaugurada pelo Reitor Josué da Silva Mello. Naquela oportunidade, o Museu Casa do Sertão comemorava seus 14 anos de fundação. Entre os visitantes, estavam os poetas populares Joaquim Gouveia da Gama, João Crispim Ramos, Antônio Alves da Silva, Dadinho, José Crispim Ramos, o Caboquinho e Maxado Nordestino.

João Ferreira da Silva foi um pernambucano que, em 1957, veio residir em Feira de Santana. Antes, esteve por Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e outras partes da Bahia, após sair do seu Estado, desertando da Polícia Militar no conflito entre a Aliança Liberal e o Integralismo. Entretanto, já tinha publicado o primeiro folheto: *A Morte do Padre Cícero Romão Batista*, em 1934.

Sitientibus, com esta publicação, homenageando o poeta, procurou fazer Jornalismo, mas também História Oral, transcrevendo o teor da entrevista praticamente ao pé da letra, com seus erros de linguagem e com os termos regionalistas. E, ainda, com as dificuldades da fala de um ancião emocionado pela homenagem.

F.M. (narrador) – Estamos aqui hoje, sexta-feira, dia sete de fevereiro de 1992 na casa do poeta João Ferreira da Silva,... na Rua Juventino Pitombo n. 22, bairro das Baraúnas,... Feira de Santana. Ao seu lado, está a sua esposa Vanete Elcy Oliveira da Silva. Nós vamos conversar com o Senhor João Ferreira, grande poeta da Literatura de Cordel, e vamos tentar recompor a sua vida aqui em Feira de Santana, o seu trabalho, o que é o Cordel. Então... senhor João, poderia começar dizendo aquele verso...

João – Fui criança, fui rapaz...
E hoje estou na velhice

* Faleceu em 1º de outubro de 1992.

Fotos de Genivaldo Lima e Elias D. Neves.

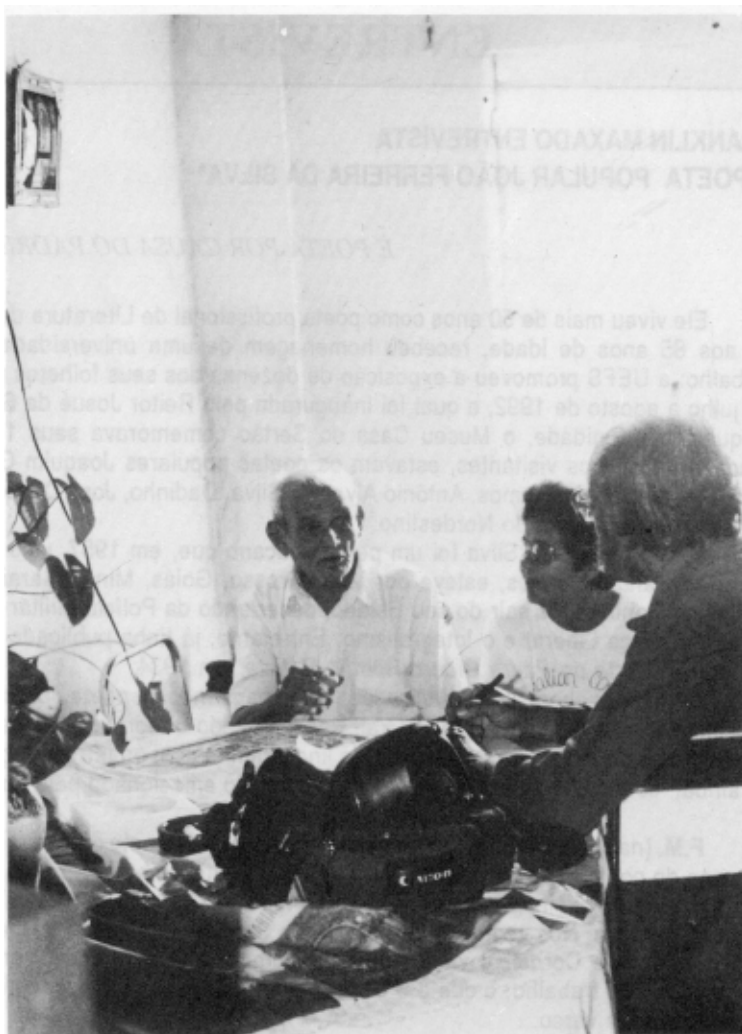


Foto 1 – O Poeta João Ferreira, ao lado de Vanete, quando entrevistado por Franklin Maxado.

No tempo da meninice,
Vi que não devia... (emociona-se)

Vanete – Não... tenha calma, meu velho.

F.M. – Atenção! Se for pra chorar, eu vou me embora.

Vanete – Ah! não... Fale... (pausa).

João – Bem novo perdi meus pais
Cresci-me na orfandade
Hoje velho com saudade
Da minha infância querida
O riso da minha vida
Já falta mais da metade.

F.M. – Pois é isso... seo João! O senhor nasceu onde?

João – Nasci no quarto na casa de meu pai.

Vanete – (dá uma risada).

F.M. – Sim. Mas em que lugar, que cidade?

João – Em Belo Jardim, em Pernambuco.

E na rua do Tambor
Em um dia de domingo
Disto eu sou conhecedor
Em 907,
Nasceu este trovador.

F.M. – Ô..., e... Seo João, o senhor fazia o quê antes de entrar na Literatura de Cordel? (Vozes inaudíveis).

João – Negócios. Sempre com negócios ambulantes.

F.M. – E por que entrou na Literatura de Cordel?

João – Por causa do Padre Cícero Romão Batista, no Ciará. Morreu em 34 um padre muito virtuoso. De formas que ele morreu, e, ele nasceu em 19... em 18... ele nasceu em 18..., ele nasceu em 1844. Ordenou-se em 1870, e morreu em 1934 com 90 anos de... idade. Então foi na morte de... e todo, todo, todo o, todo o, país...

F.M. – E o senhor estava aonde?

João – Em Belo Jardim...

F.M. – Aí o senhor sentiu a vontade de escrever o folheto?

João – Foi, porque um velho amigo me falou que era bom. Eu, já que gostava de poesia, escrever uns versos sobre a morte do Padre Cícero que ia ser de muita aceitação. E aquilo me chegou na idéia e eu fiz o primeiro folheto. Escrevi o primeiro folheto. Primeiro livro que eu fiz em poesia foi em 1934. "A Morte do Padre Cícero Romão Batista".

F.M. – E publicou aonde?

João – Lá mesmo.

F.M. – E saiu vendendo por ali?

João – Pelas feiras.

F.M. – Sei. O senhor naquele tempo já fazia as feiras e tal... Mas negociava com o quê? (Barulho de cadeira arrastando e de tosse).



Foto 2 – O Poeta (de pé, sua esposa) sendo parabenizado pelo Reitor, Prof. Josué da Silva Mello, quando da exposição dos folhetos, em 1/7/92.

João – Bom... miudezas. Miudezas, uma coisa e outra.

F.M. – Sei. E esse negócio de o senhor fazer sabão. Também, não fez?

João – É, uma, umas fatias.

F.M. – Ah!... bom! E nesse tempo o senhor conheceu o poeta Zé Pacheco, foi?

João – Zé Pacheco da Rocha.

F.M. – Eu sei. Como era ele, seu João?

João – Ele era um poeta. Não, não, não, não, não, não, não, não tem não tem até hoje um igual na, na Literatura de Cor..., de Poesia Popular, não tem como José Pacheco da Rocha.

F.M. – Ele cantava os versos dele, vendia também, como era?

João – Ele, ele propagava, mas lia em prosa. Como eu também. Agora, ele escrevia, vendia a revendedores e propagava.

F.M. – Qual é o folheto dele que o senhor viu vender? Viu a “Chegada de Lampião no Inferno”?

João – Vi. “A Intriga do Cachorro com o Gato”. Deixou alguns romances.

F.M. – Agora, ô, ô, ô, diz que tomava também uma cachacinha, não é?

João – Não. Gostava. Mas não pra perder sentido.

F.M. – Eu sei. E como era ele? Era baixinho, gordo...

João – Era um..., era um..., um tipo. Como se diz... mais ou menos. Era forte.

F.M. – Quem foi que o senhor viu melhor cantar um folheto na praça?

João – Foi... Jucas. Ele não escrevia não. Mas trabalhava com muito capricho. Chamava atenção.

F.M. – O senhor conheceu o Jucas lá em Pernambuco? ou depois aqui em Feira?

João – Não... em Pernambuco.

F.M. – E aqui em Feira de Santana, o senhor chegou a vender na feira-livre daí? Na grande feira da praça?

João – Cheguei a vender folhetos.

F.M. – Eu sei. E quem melhor o senhor viu cantar aqui em Feira de Santana?... Conheceu o Baraúna?, o João Baraúna?

João – Conheci.

F.M. – É! Quem mais o senhor conheceu aqui na feira de Feira vendendo folheto? Rodolfo?

João – Rodolfo, Erotildes, Antônio Alves da Silva.

F.M. – Cuíca também?

João – Cuíca não cheguei a conhecer ele aqui, não.

F.M. – Chegou a imprimir folheto aí na Folha do Norte?

João – Cheguei.

F.M. – Quais outras gráficas mais, aqui em Feira, que o senhor imprimiu folheto? Martiniano Carneiro?

João – Não. Sempre na Folha do Norte.

F.M. – O senhor tratava direto com o senhor Raul, ou com o senhor Arnold ou o senhor Dálvaro?

João – Era mais com senhor Dálvaro.

F.M. – Tá bom. Ô... E por que o senhor veio pra Feira de Santana, seo João?

João – Simpatia. Por simpatia.

F.M. – Ouvia falar de Feira de Santana lá em Belo Jardim, foi?

João – Não... Eu quando entendi de viajar pra Bahia, vim com destino de conhecer Feira de Santana e depois que eu resolvi sair, tirar a família de Caruaru, Pernambuco, quando eu resolvi sa... tirar a família de lá, achei de tirar pra Feira de Santana.

F.M. – Tá bom! por quê? Por que Feira de Santana era muito falada no Nordeste...?

João – Porque eu achei mesmo que essa região de Feira dava pra eu ir levando por aqui a vida.

F.M. – E quando foi que o senhor chegou aqui, seo João? (Barulho de carro).

João – Eu trouxe a família pra aqui em 193... em 57.

F.M. – Já tinha publicado lá em Pernambuco quantos folhetos, mais ou menos? (Silêncio)...

João – Um... numerozinho até bom, viu? (Vozes distantes) “A Marcha do Tempo”, “A Verdade Final”, “Quem nasceu para não ter”, “A diferença do rico para o pobre”. (Pausa).

F.M. – Juízo Final?:

João – Juízo finá!

Vanete – “O Mundo Pegando Fogo”. “A Verdadeira História de Lucas da Feira”.

F.M. – Lucas da Feira já foi aqui em Feira, não o foi?

João – Foi.

F.M. – É. Agora, ô seo João, esse tempo que o senhor mascateou lá no Nordeste até vir pra Feira de Santana, o senhor chegou a, a, nestas estradas, a topar com Lampião?

João – Não. Já. Eu, eu... eu cheguei a ser soldado da polícia de Pernambuco na época de Lampião.

F.M. – (Silêncio) U... Um poeta jovem que queira entrar no Cordel qual é o conselho que o senhor dá?

João – O conselho que eu dou é que... ele... se ele tiver vontade, tiver gosto, prossiga. E sempre se comunique com pessoas, com poetas mais velhos.

F.M. – Sei. E, o que... pro sujeito ser poeta de Cordel, o que é que o senhor acha, quais são os predicados, as qualidades que ele deve ter?

João – Bem, ninguém se faz poeta porque... a... até gente a... a criatura ensina qualquer uma arte a outra pessoa, mas não a ser poeta. Poeta é um dom. Quem nasce com o dom poético, da veia poética, tem que se apresentar. Ou tarde ou cedo ele tem que se apresentar.

F.M. – Agora, ô, seo João,... vamos dizer que a pessoa tenha um dom e queira escrever poesia popular. O senhor tem um folheto que o senhor dá conselho; tem que ter métrica, rima e o que mais? Oração, não é?

João – É! Rima, métrica e oração no ritmo ja... e ritmo da poesia é... é rima, métrica e oração.

F.M. – Sei. E o senhor podia explicar o que é isso?

João – É que não tem... quando, quando o... se o poeta tá escrevendo, falando em água, não pode botar fogo naquele meio. É água. Se é pedra é pedra.

F.M. – Certo! - E tem que ir desenvolvendo o raciocínio devagar, não é isso?

João – Devagar.

F.M. – São o enredo e a estória, não é isso?

João – Pois é.

F.M. – Quer dizer isso. Áí, é a oração, não é?

João – É. Oração! Se vai, se vai, por exemplo..., se vai, ma, mu, mu, me, me mesmo estando na cidade, se vai pra um bairro, sempre naquele sentido. (Muito barulho).

F.M. – E toda história tem que ter início, meio e fim, não é isso, seo João?

João – É. Início, meio e fim.

F.M. – E a métrica?

João – A métrica é porque... (Inaudível)... Tô bem, obrigado,... e você? E por aí vai.

F.M. – Quer dizer..., dentro do ritmo, não é? E a rima?

João – A rima é porque... consoante com consoante todo mundo bota mas consoante com consoante nunca dá certo. É como Ferreira com esteira, com feira, Ferreira. Não dá! Ferreira dá com barreira, com carreira.

F.M. – Áí teria que ser uma rima perfeita, não é?

João – É. Ferreira. Olha aí... O som de Ferreira, carreira, barreira. Agora esteira é com maneira, coceira.

F.M. – E, pro senhor, o que é que acha. Pra que serve a rima?

João – É pra puder... pra dividir, pra, pra, s... saber que é poesia.

F.M. – E, para assim, dar música à poesia?

João – É..., poesia... dá! Também gravar, é.

F.M. – E o que é que o senhor acha que é a Poesia de Cordel? O senhor já conheceu, e entrou no, no meio, como um poeta de Cordel, já sabendo que era poeta de Cordel ou de folheto?

João – Eu não sabia, não sabia nem o que era Cordé. Vim saber depois que caí na, na função.

F.M. – Sei! Antes como era conhecido o folheto nas feiras?

João – Era isso mesmo, folheto. Romance também.

F.M. – É. Aqui na Bahia onde o senhor melhor vendeu? Foi aqui em Feira ou na Lapa? Ou em outro lugar? Qual foi?

Vanete – Bom Jesus da Lapa, eu vendi muito. Eu ia sempre na, na época das festas. Mas, Bom Jesus da Lapa, na Bahia. É... são seis meses de Romaria. Começa em maio... começa em fevereiro. Agora, em maio, melhora um pouquinho. Agora, melhor mesmo é depois do São João.

João – Ficava sempre lá, dois meses, três... três meses. Até agosto.

F.M. – E o senhor vendia aonde? Na praça em cima do morro?

João – Em cima do morro. Sempre gostei de trabalhar em cima do morro porque chama mais atenção do povo. E o povo lá, no meio ali demora mais. Demora pra dar mais atenção.

F.M. – Eu sei. Agora, ô seo João, eu sei que o senhor também vendeu aqueles folhetos de Cordel de São Paulo que têm a capa colorida e são maiores.



Capas de folhetos do Poeta

João – É... Romances. Aqueles têm mais expansão, têm mais extensão. É, são é... de 32 páginas em diante. 32 até 60 até 6... até 65 páginas.

F.M. – Viu... é... (Barulho de cachorro latindo). E o senhor acha que foi muita concorrência pra um folheto, mesmo um folheto pequeno?

João – Eu contei muita vantagem. Sempre nos meus, nos meus livretozinhos que eu escrevi, sempre foram bem aceitos.

F.M. – É. ô, ô, ô seo João, as feiras-livres, como de Feira de Santana, estão

se acabando e surgiram os supermercados até em cidade pequena. Os supermercados não vendem Cordel os... e a televisão também não dá Literatura de Cordel..., o senhor acha que isso está contribuindo para combater o poeta popular?

João – É isso! ... Isso eu acho muito, muito, muito mal. Porque ... não tem quem propague. Tá faltando quem propague. Então que o povo vai esquecendo por isso. O povo vai esquecendo, tá esquecendo a poesia popular (Barulho de cachorro latindo). O... a Literatura de Cordel, porque não tem quem propague, o povo tá saindo. Sai um, sai outro, sai outro...

F.M. – E as nossas raízes também culturais?

João – Sim.

F.M. – Porque a juventude, hoje, está falando é Inglês, essas coisas, não é?

João – É.

F.M. – O senhor acha que a televisão não devia explorar essa nossa cultura? (Barulho de cachorro latindo).

João – Ah!... sim. Sim. Devia muito.

F.M. – E já que o senhor está aqui há tanto tempo, o senhor gosta de Feira de Santana?

João – Muito. Gosto muito de Feira de Santana.

F.M. – Conheceu dona Valdete, dona Vanete, aqui?

Vanete – Vanete!...

F.M. – Vanete. (Sorri) É. conheceu ela aqui? (Barulho distante de martelo).

João – Foi... Infelizmente.

Vanete – Cê... cê... me conheceu aonde, seu louco?

João – Infelizmente, foi em Bom Jesus da Lapa.

Vanete – Infelizmente. Infelizmente daonde? Felizmente!...

F.M. – (O fotógrafo Lima sai. Dona Vanete conversa com Zobeída, sua filha)... Agora, o senhor acha que Feira de Santana mudou muito de seu tempo pra cá?

João – Mudou e está mudando.

F.M. – Pra bom, pra melhor ou pra pior?

João – Misturado. Umas coisas pra melhor e outras para pior. No momento a pobreza... tá peor.

F.M. – O senhor, que morou ali perto do Centro de Abastecimento, na Barroquinha, na antiga casa do Tiro de Guerra, acha que piorou ali o bairro?

João – Não. Movimentou melhor. Toda aquela, aquela região, aquela...

F.M. – Uma das coisas que mudou Feira de Santana foi a Universidade, o senhor acha que a Universidade é bem-vinda a Feira de Santana.?

João – Sim, né! Por causa que ela só, só traz, traz... traz melhora, aumentou... conhecimento para muitos.

F.M. – Eu sei! E o senhor acha que a Universidade deve estudar essas coisas nossas, essas coisas do povo?

João – Pelo meu gosto. ... sim.

F.M. – Seo João, o senhor parece que foi autodidata, quer dizer, aprendeu a ler e a escrever por si mesmo. entendeu? pelo menos, numa entrevista que o senhor

deu para o jornal “Movimento”, que um dos donos era o ex-deputado Francisco Pinto, o senhor disse que... nunca usou o dicionário porque falava a língua do povo. Então, o senhor acha que a escola engrandece o homem?

João – Sim. Se faz por si, instrui, né?

F.M. – O senhor acha que a Literatura de Cordel lhe ajudou muito?

João – Ah! muito, muito. Foi quem me fez eu, eu escr... ler e escrever um pouco foi (Conversa distante de Vanete com Zobeída) Literatura de Cordé.

F.M. – Acha que a Literatura de Cordel hoje está morrendo?

João – Acho que está.

F.M. – Ficou muito caro pro poeta publicar, não é?

João – O quê? De, de, de, de, de, de certos anos para trás, é a coisa mais difícil se chegar em uma feira-livre e não encontrar um, um... uma, um folheteiro contando folheto, lendo em prosa e contando, cada um procurando ser o melhor, trabalhando na feira. Não se vê mais.

F.M. – Ô, ô... o senhor tá com 84 anos, seo João? Sofreu quatro derrames, mas tá, graças a Deus, lúcido e forte, e ainda tem muita coisa a dar para a juventude. E o senhor foi casado duas vezes, não foi?

João – Foi. Duas vezes. Duas vezes.

F.M. – Do primeiro casal o senhor tem o poeta Zé Malta também, não é?

João – É. Ele tem um pensamento poético.

Vanete – Ele hoje é vereador.

F.M. – Lá em São Francisco do Conde.

João – Faz muita coisa ele, em em...

Vanete – Tem duas filhas professoras, também.

F.M. – O senhor acha que Zé Malta, se seguisse a sua profissão de poeta de Cordel, daria conta do recado?

João – Daria em pu... dra... daria em poesia clássica. É porque Gibi, eu me lembro. Gibi, quer dizer que foi, foi o professor dele, o Globo...

F.M. – Ô, ô... ô seo João, estamos já num ano que já começa negócio de eleições. De vez em quando, tinha poetas que eram sondados para escrever folheto de propaganda política para um candidato.

João – Sei. Eu mesmo fiz um. Aqui em Feira.

F.M. – Lembra mais ou menos pra quem fez?

João – Fiz foi pra... João Durvá... fiz pra Francisco Pinto e fiz pra João Durvá Carneiro.

F.M. – O senhor cobrava por isso?

João – Não. Ele mandava imprimir, pagava a gráfica.

F.M. – Sei. Entendeu? E... e lhe dava uma parte pro senhor vender.

João – É.

F.M. – Eu sei. Já lhe deu algum problema esse negócio do senhor, (barulho de cachorro latindo) vamos dizer assim, fazer propaganda pra políticos? Já lhe deu algum problema?

João – Nunca deu problema nenhum.

F.M. – Eu sei. (Barulho alto de tosse). Aqui em Feira de Santana, tem um poeta que lhe admira muito, que é Erotildes, não é?

O que o senhor acha da poesia de Erotildes?

João – É muito franca. Lembra quando, quando levou (barulho provocado por pessoas dentro de casa), quando, quando me levou para o Carro de Boi, em 77? Ele agrada, viu? Agrada muito. Agora, cada um tem seu modo. Eu tenho o meu. Não gosto de me exibir. O, o povo me dê o que eu mereço. Eu mesmo não sei me exibir.

F.M. – O senhor gosta mais de fazer folhetos dando conselhos, não é?

João – É.

F.M. – Quem mais aqui em Feira o senhor conhece de, de fazendo poesia de Cordel?

João – Antônio e Erotildes. E então es... esses filho, filho, de, de, de... Rodolfo.

Vanete – Tem uma porção daqui em Feira.

F.M. – O senhor não, não, não conheceu um tal de Maxado Nordestino, não?

Vanete – (Dá uma risada).

João – (Irônico) Inda, eu ouço falar nele por aí. (Franklin e Vanete dão risada).

F.M. – O que é que acha dele? (Vanete continua rindo muito).

João – O que ele acha é que eu digo.

Vanete – (Ainda rindo) Você disse que ninguém lhe pegava... Maxado Nordestino é um grande amigo da gente. É.

F.M. – Quer dizer, eu já esgotei, mais ou menos, o que eu queria lhe perguntar. Mas fica o gravador aberto pro senhor falar o que deve falar ou que deve dizer para a juventude ou para a História... E, porque esta entrevista é para a revista SITIENTIBUS da Universidade. Então tá aberto pro senhor dizer alguma coisa.

João – Porque... (silêncio).

F.M. – Mas pra juventude, hoje, por exemplo, o senhor não quer dar algum conselho, não?

João – É, sabendo viver... sabendo viver pode até chegar...

Vanete – À sua idade.

João – À minha idade. Sabendo viver pode até chegar aonde eu cheguei. Porque... têm muitas, têm muitas, mu, mu, muitos modernos, novo, muitos novos por aí que não pensa no dia de amanhã, não pe... pe... a., a..., não sab..., não sabe que nasceu e que tá vivendo e que vai morrer, não acha, acha que não morre, pensa que vive porque quê, mas ninguém vive porque. A vida é muito boa, mas pra quem sabe viver.

F.M. – E sabe aproveitar a roda da fortuna, não é? (Vira a fita).

João – Pois é.

F.M. – O senhor também já cantou de, de, repente de viola, não já.

João – Já. Lá em Pernambuco. Ganhei dinheiro e simpatia.

F.M. – E naquele tempo viajava de quê? De, de caminhão, a pé, de burro?

João – A pé. Sempre eu ia a pé, viajava. Viajava... o transporte mesmo era trem ou cavalo. Não havia carro... automove, não tinha automove... o primeiro automove que eu viajei nele foi em 1927 pra até hoje... Viajei muito ne, ne, ne automove,

com, com, as rodas, com pneu maciço, porque não tinha, não ha, não tinha estrada. Faz arrancar o pedaço de, de, de, de, de, de, borracha na, na, pedra e no toco, então era pneu maciço, não tinha câmara de ar.

F.M. – E aqui em Feira, senhor João, com quem mais o senhor fez amizade. Por exemplo, Dr. Eduardo, senhor Arnold Silva?

João – Eu tive muito conhecimento com Arnô, senhor Arnô. Coroné Arnô Silva.

F.M. – Eu sei. Agora, lá o tiro de Guerra em que o senhor morava, a casa parece que era de Dr. Eduardo, não era?

João – Dr. Eduardo. Era de Dr. Eduardo. Hoje é do filho dele: dr. Augustinho.

Vanete – Foi vendido. Por isso é que saimo de lá por que foi vendido pra uma firma de Salvador. (Pausa).

F.M. – Ô seo João, declame um pouquinho pra gente...

João – O quê?

F.M. – O que o senhor quiser... (Silêncio)

Vanete – Fala rapaz, vai!

F.M. – Não!... deixa ele lembrar...

João – Tem tanta coisa que as veis não sai...

F.M. – “O Conselho do Romeiro”...

João – “Conselho ao Romeiro”. (Folheia livro).

F.M. – Sim.

João – Isso aqui mesmo é muito bom. “A segunda Enchente do Rio Francisco e o Medo do Lapense”.

F. M. – Pronto, declame isso aí, senhor João. O senhor tá enxergando ainda direitinho, não é?

João – Se eu não enxergá eu não leio!

F.M. – É! Tá certo! (Vanete ri)

João – Oh! Jesus Filho de Deus

Filho da Virgem Maria

Tirai-me da..., tirai-me do lugar onde eu vou

Tirai-me da agonia

Dai-me paz e muita calma

Defendei a nossa alma

Do calor do grande dia.

É grande o nosso pe... pecado

É fraca a nossa matéria

A alegria traz o pecado

A carne faz a miséria

O povo na corrupção

A desmoralização,

Hoje é coisa muito séria

Pela nossa imperfeição

É que me vem o castigo
 O rico, (gagueja) o rio crescendo em água,
 A cheia traz, traz desabrigo, traz desabrigo
 Para a nossa recompensa
 Ainda vem a doença
 Que é o maior perigo.

Veja o São Francisco
 O que, o que nos fez o passado
 Quanto prejuízo houve (Barulho de martelo)
 E tão pouco ind... indenizado.
 Quem perdeu sua vaquinha
 Quem perdeu sua casinha
 Não durma de olho fechado
 (Muito barulho de martelo)

Foi em Feira de Santana
 Nós todo tudo sabemos
 O rádio estou escutando
 Com televisão estou vendo
 O velho Chico em desafio
 E por todo curso do rio
 Os moradores sofrendo.

Deus faça que este ano
 Não seja como o passado
 Não deixe como deixou
 Mais de um bairro inundado
 Da Lapa a Nova Brasília...

João – Essa é boa, não é?

F.M. – Está sendo bela!

João – Gente e animá na ilha
 Por Jesus sejam amparados.

Aqui pra dar uma surra
 Vai dois ou três se escondê
 Quando pega um coitadinho
 Bate mesmo pra valê
 E a surra que Deus dá
 Ninguém pode se livrá
 Não tem pra onde corrê.

Esta década de 80

Vai ser, vai ser, vai assombrar muita gente
 Custo de vida sem freio
 O roubo, crime, acidente
 A roda grande fracassa
 Dentro da pequena passa...

Vanete – “Isto eu vejo seriamente”.

João – Isto eu vejo seriamente.

F.M. – Pois é, pois é, mas deixa assim, não é? Aí, vai lhe cansar? Falar nisso, o seguinte: vamos voltar ainda uns tempos atrás, passados lá por Pernambuco. O senhor também chegou... nesses caminhos em que o senhor andou, chegou a, a, a, encontrar com a Coluna Prestes?

João – Não.

F.M. – O que é que o senhor achava da luta de Carlos Prestes?

João – É. Ele falava mais de que, de modo que deixava a pessoa informada. Inda hoje que ele é vivo, né?

F.M. – Não, morreu há pouco tempo. O que ele pregava, assim, está se vendo hoje?

João – É. Algumas coisas tá se vendo. Tudo que, sabe de uma coisa: nós somos profetas. Cada um de nós devemos profetizar. Você pode profetizar. (Palavras inaudíveis. Alguém sai da casa do senhor João e todos se despedem desta pessoa).

João – Profetizou o tempo.

Maremoto e muita guerra,
 Muita queda de avião
 Desastre em trem de ferro
 Um governo em com..., um governo em confusão.
 Não qué, hoje, não assina
 A falta de disciplina.
 Traz na maior confusão

Cresce, cresce a enchente e o rio
 Falta chuva em tempo curto
 Quando vem pegá o roceiro
 Coitado de corpo aberto
 O que tinha, plantô, perdeu
 E agora que chueu
 Irá pregar no deserto.

F.M. – É. O senhor João, interrompendo aí, o senhor acredita nas profecias de Nostradamus?

João – Cridito.

F.M. – Já leu? Ou de ouvir falar?

João – Não, eu sempre ouço falá.

F.M. – Ele fala, pelas profecias dele, talvez, de acordo com as interpretações, o mundo vai se acabar agora em 99 pra 2000. O senhor acredita nisso?

João – Mas isso aí, isso aí eu acho que... que, que, que é segredo que, que

o dono de tudo, que é o altíssimo Deus. Eu acho que não confiou de entregá a ninguém de sabê. (Barulho de buzina).

F.M. – (Muito barulho) Mas o senhor acredita na Bíblia em que diz no fim do mundo virão os quatro cavaleiros do Apocalipse etc... e tal?

João – A Bíblia tem muita interpretação ruim de interpretá. Muita!

F.M. – O senhor é católico, não é?

João – Home! Eu sou mais... pelo Evangelho. Tô mais ao lado do Evangelho. (Barulho de marteladas na parede do lado do vizinho).

F.M. – Outra coisa, seo João, o... o senhor chegou a ouvir ou ver o Padre Cícero Romão Batista?

João – Não.

F. M. – Mas os ensinamentos serão sempre...

João – Fez com que eu acreditasse, acreditasse e crer nele.

F.M. – Mas o Padre Cícero diz que no fim dos tempos teria “muito rastro...”

João – “E pouco pasto”.

F.M. – O senhor acredita nisto?

João – Muito chapéu e pouca cabeça. É o povo que diz.

F.M. – Por exemplo, a população está crescendo muito, não é?

João – Tá crescendo muito. É... a carestia é que tem aqui, mais que fala mais em Feira. A carestia... pra você ver o que a pobreza está passando. (Vanete ralha com os cachorros).

F.M. – E o que é que o senhor acha que é a carestia? É ganância dos poderosos... ou o que é?

João – É porque trabalha um pra cem vadiá. A maió desgraça é essa: trabalha um pra cem vadiá. E quem tem... quem tem, quem tem 90, inda qué 10 de quem tem 20. Porque já tem 90 faz 100 e o ôto se atolô ele a... armô 100, interô 100. O caso é este: é o olho gande...

F.M. – Mudando de conversa, com relação à corrupção. Tá pior que naquele tempo?

João – Tá peor. Aumentaro bastante. Os políticos tão pegano mais prática, mais truques, táticas, mais queda pra conversa. (Tosse)

F.M. – Naquele tempo ainda ia pra cadeia?

João – Naquele tempo, se não morria, panhava...

F.M. – É a mesma coisa hoje, do, do, do, dos costumes das moças? As moças hoje estão mais, estão mais livres?...

João – É. Tão mais livres. Hoje filho quase não toma mais bença ao pai é: (Representa)

Bom dia!

Oi!

Como vai?

F.M. – E o senhor acha isso ruim, falta de respeito?

João – Sim. Pelo meu costume, acho. (Folheia um folheto e lê).

F.M. – Diga, seu João.

João – É bom viver privinido
 Ame a Deus e à verdade
 Seja bom filho e bom pai
 Seja esposo sem maldade
 Primeiro escute e veja
 E frequente a sua igreja
 Sem nenhuma vaidade.

F.M. – O senhor chegou a presenciar alguma briga de famílias ou de jagunço, lá pelo Nordeste? Antes tinham aquelas brigas de famílias, não era?

João – Não. Eu sempre fui muito feliz, e, e, e, e não sei falá disso. Até quando militar mesmo, eu fui tirado pra... pra Volante, pra Lampião e o meu sargento de companhia, meu sargento diante de companhia me tirou. Tirou eu e um companheiro meu. E disse: vocês dois não vão, não.

F.M. – E por que o senhor saiu da Polícia?

João – Eu não saí da Polícia. Eu tô de licença. (Vanete solta uma gargalhada). Eu tirei minha licença em mi em 1, 1, 1, em 19... em 1930, na revolta de Aliança Liberal com o perrepista. Quando terminô, eu pedi uma licença de 15 dias. Falta me apresentar. Tô de licença. (Vanete solta outra gargalhada).

F.M. – (Rindo). É... está certo! Foi no tempo de Getúlio Vargas. E o que o senhor achou do Governo Getúlio Vargas?

João – Bom! Boa administração. Boa administração!

F.M. – Mas, dos Presidentes, durante o tempo em que ouviu falar, qual foi o melhor que o senhor achou?

João – Sempre estou com eles.

F.M. – (Ri). Ô, seo João, esse “Malta” que tem os seus filhos do primeiro casal, de sua primeira esposa, é parentesco dos “Maltas”? Da mulher do Fernando Collor, lá de alagoas?

João – Não! Não sei! (Despistando).

F.M. – E o Minervino? Esteve por aqui?

João – Teve. Veio... veio exclusivamente me visitá. (Cão latindo)

F.M. – Muitas vezes, ele também vai lá na Lapa?

João – Todo o ano. Primeiro ano que eu trabalhei na Lapa. Eu tenho quarenta romaria lá. Ele também. Quer dizer que ele tá mais do que eu. Agora, por causa de seis anos que eu tô doente, não tenho ido.

F.M. – Conheceu ele lá, não foi?

João – Foi conheci na Lapa. (Cão continua latindo ao longe).

F.M. – Eu acho Minervino Francisco da Silva um grande poeta.

João – É. Ele é bom poeta. Agora, os negócio dele é bendito, viu?

Vanete – Ele tá trabalhano mais pru negócio de benditos e livros religiosos.

F.M. – Esqueci de lhe perguntar: quando eu era pequeno aqui em Feira, rapazinho, aí pelos anos 50 a 60, eu ouvia falar, e até cheguei a ver uns folhetos pornográficos. O senhor está falando para a História. O senhor sabe, mais ou menos, quem escrevia esses folhetos? Por exemplo: “Aragão Desmarcado”?

João – Eu sempre me afastei disso. Nunca fui...

F.M. – Eu sei. Eu estou lhe perguntando porque o senhor nunca escreveu, mas que tinha, tinha. Não tinha?

João – Tinha. Sabe de uma coisa? Até hoje mesmo, tá de forma que está, aquela “Escolinha do Professor”...

F.M. – “Raimundo”!

João – “Raimundo”! Ali sai coisas muito pesadas. Pra uma escola... de um professor!...

F.M. – E as novelas? é mulher nua tomando banho. Vai pra cama nua com o artista, não é?

João – É! Hoje é tudo isso, né? Agora, no passado... na minha infância, eu nunca vi. Nunca nem es... nunca nem soube disto. E hoje tá como está, o dismantelo que está.

F.M. – Atribuíam esses folhetos a Cuíca. O senhor acha que era Cuíca de Santo Amaro quem os escrevia?

João – Não! Acho que não.

F.M. – É, porque o pessoal que escrevia não assinava com medo da Polícia. Então, ninguém sabe quem é que escrevia, não é isso? Antônio Alves, mesmo, me disse que já escreveu, mas não assinava...

João – Se tinha, era muito... oculto.

F.M. – O senhor nunca chegou a ver ou a ler, não?

João – Vi, mas nunca li.

F.M. – Não, não é! (O cão continua latindo). Porém, alcançou aquelas revistinhas, chamadas de “catecismos”, que vendiam em bancas de jornal, assim de... de Carlos Zéfiro, não era? Chegou a alcançar daquelas de desenhos pornográficos?

João – Via. Via. Assistia e via. (A fita termina no gravador).